

EDITORIAL

REVOLUÇÃO FRANCESA: 200 ANOS

Ao se comemorar os duzentos anos da Revolução Francesa, homenageia-se um evento não só francês, mas de todos os povos que lutaram pela liberdade.

A Revolução de 1789 nasceu do sonho utópico da liberdade, e da igualdade fraternal em busca de uma sociedade igual. Filha do pensamento ilustrado, articulada na sedução da razão, experimentou valores democráticos marcando de forma indelével o fim do modo de produção feudal, destruindo o Antigo Regime e instaurando a república. Expressou projetos que colocavam um decisivo **não** na diferenciação social pelos privilégios; respondeu radicalmente ao colapso político da Monarquia absoluta e da desordem financeira da França de Luiz XVI.

A Revolução Francesa revelou uma intensa complexibilidade com relação ao projeto político, pois de um lado a classe burguesa pautada no liberalismo democrático, despontava com maturidade revolucionária, portanto progressista. Por outro lado as classes subalternas como camponeses e trabalhadores urbanos, aspiravam partilhar o exercício do poder e modificar sua condição social. Enfim, classes distintas e opostas, mas unidas contraditoriamente na luta pela destruição das relações feudais.

Os vários momentos do processo revolucionário explicitam a complexidade das contradições. Assim o liberalismo burguês, ao atingir os privilégios aristocráticos, ao embasar a **Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão**, ao estabelecer a igualdade jurídica sob a égide da Lei, cerceava as pretensões populares através do arcabouço censitário.

Surgiram novas relações de produção das "cinzas" do feudalismo, mas o modo de produção capitalista portava radicais "amarras" para as classes trabalhadoras. Afinal, se eliminava a desigualdade jurídica, garantia-se a liberdade, porém na prática social o peso político vai ser extremamente diferenciado.

O projeto político da Revolução ultrapassou as fronteiras da França, e como modelo revolucionário atingiu a Europa e América, colocan-

NOTA: A Revista **Reflexão** contou com a inestimável colaboração do Inst. de Ciências Humanas da PUCCAMP, representado pelos professores Rui Rodrigues Machado e Paulo Cosiuc, para apontar aqui algumas linhas do debate atual sobre o significado da Revolução Francesa.

do em risco as monarquias absolutas e o sistema colonial. A "tempestade" revolucionária subvertia a sociedade de ordens ameaçando a aristocracia, instabilizava o regime de propriedade, abria espaço para a ascensão política das massas trabalhadoras. A Revolução de 14 de julho de 1789 era um exemplo assustador, seus princípios foram considerados "abomináveis".

Na América Colonial, os "abomináveis princípios franceses" levantavam crioulos e Senhores, escravos e fazendeiros. Os Senhores atacavam o pacto colonial, os despossuídos lutavam contra a opressão.

Nunca na história das Sociedades Européias sentiu-se um ambiente transformador-radical, e opondo-se à "Revolução Modelar", organizou-se uma poderosa reação tanto na esfera intelectual como na ação militar. Explícita tal reação a obra "Reflexões sobre a Revolução em França" de Edmund Burke, que com uma ferocidade inaudita sintetizou a Revolução Francesa como a fonte da desordem política social e indicou a baixaza como sua característica principal. O Papa Pio VI condenou a Revolução solenemente, iniciando a suspeita da Igreja com o liberalismo, que no Século XIX foi apontado com um dos grandes erros do século. As cabeças coroadas do Antigo Regime se aglutinaram numa nova cruzada, sob o grito mobilizador de Catarina II: "Destruir a anarquia francesa é preparar-se para a glória imortal". Construiu-se um "Cordão Sanitário" para isolar o "Virus" político da nova "peste negra" que assaltava o corpo das elites européias.

Passaram-se duzentos anos, e a paixão pela Revolução Francesa continua na contemporaneidade. Desperta nos meios acadêmicos debates e polêmicas quanto à interpretação e análise. Basta citar o revisionista François Furet, que através de uma outra leitura lança questionamento na interpretação marxista. Afinal o estudo crítico da Revolução Francesa ou de qualquer outra Revolução, parte da posição política-ideológica de quem o faz. Sem dúvida que o fascínio por 1789 está presente nas várias solenidades, e basta ouvir a Canção da Revolução para sentir que não é somente o Hino Nacional da França, mas é o Hino à liberdade, cantado por todos aqueles que sonham com a liberdade, igualdade e fraternidade.

A Redação